



Internos e internados: educação e memorialismo em Raul Pompéia e Vergílio Ferreira

Franco Baptista Sandanello

Curso de Graduação em Estudos Literários, Universidade Estadual Paulista, Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1, 14800-901, Araraquara, São Paulo, Brazil. E-mail: fbsandanello@gmail.com

RESUMO. *O Ateneu* (1ª ed. 1888), de Raul Pompéia, e *Manhã submersa* (1ª ed. 1954), de Vergílio Ferreira, são dois romances em que se problematizam, através da memória, os mecanismos de controle educacional de cada período histórico, havendo, não obstante, uma contraposição até certo ponto comum ante os discursos voltados para a uniformização dos indivíduos e para o mascaramento das divisões sociais. Nesse sentido, assumindo uma via de análise temático-comparativa, o presente trabalho busca avaliar, num primeiro momento, como se dá a reação a esses discursos em cada um dos romances, para, a seguir, buscar uma síntese das soluções propostas isoladamente por Raul Pompéia e Vergílio Ferreira.

Palavras-chave: literatura comparada, literatura brasileira, literatura portuguesa, memória, narrativa.

Mates and inmates: memory and education in Raul Pompéia and Vergílio Ferreira

ABSTRACT. *O Ateneu* (1st ed. 1888), by Raul Pompéia, and *Manhã submersa* (1st ed. 1954), by Vergílio Ferreira, are two novels in which the imposing educational procedures of each historical period are rendered problematic, in spite of their apparently common and strong dislike for the social standardization their discourses tend to imply. In this regard, assuming a thematic-comparative point of view, the present work seeks to analyze how the reaction to these discourses are carried out by each of those novels in order to evaluate and propose afterwards a synthesis of both Raul Pompéia's and Vergílio Ferreira's individual views on the matter.

Keywords: comparative literature, brazilian literature, portuguese literature, memory, narrative.

Introdução

Antonio Candido, em um “[...] artigo de circunstância [...]” de sua *Brigada ligeira*, desenvolve, a propósito da escrita memorialística de Fernando Sabino, uma de suas próprias memórias de infância, em que

[...] sempre ouvia falar que um peru podia ser hipnotizado mediante dois processos. O primeiro consistia em por o digno animal diante duma linha reta e fazê-lo andar por ela afora. O segundo, mais palpitante, em fazê-lo acompanhar uma circunferência da qual não conseguia se livrar nem à mão de Deus-Padre (CANDIDO, 1992, p. 87).

O caso é que, apesar de jamais haver presenciado uma dessas sessões de hipnotização, o crítico acabou por deparar-se, na literatura, com o fenômeno inverso, e inusitado, da ‘roda de peru’—

[...] a hipnose pela circunferência, o escritor ou seus heróis ficando presos dentro do círculo magnético do próprio eu, rodando dentro dele sem parar, olhando fascinadamente os pés, à maneira dos perus e dos pavões (CANDIDO, 1992, p. 87).

É o que ocorre, por exemplo, com todos aqueles que, em decorrência de uma ‘linha’ de conduta fortemente imposta pelo meio, colocam-se a relembra os estigmas da dolorosa adaptação à vida dentro da roda, fascinados – ou já desencantados – pela (con)formação retrospectiva do Eu.

O Ateneu (1ª ed. 1888), de Raul Pompéia, e *Manhã submersa* (1ª ed. 1954), de Vergílio Ferreira, apesar da distância cronológica evidente que vai da publicação de um a outro, são dois exemplos de romances em que essa ‘roda de peru’ é dramatizada: seja no conflito com um internato brasileiro do reinado de Pedro II, seja no embate com um seminário português da época de Salazar, há em ambos uma reação semelhante contra os discursos totalitários e impositivos, voltados para a uniformização dos indivíduos e para o mascaramento das divisões sociais.

Nesse sentido, assumindo uma via de análise temático-comparativa, o presente trabalho busca avaliar, num primeiro momento, como se dá a reação a esses discursos em cada um dos romances, para, a seguir, buscar uma síntese das soluções

propostas individualmente por Raul Pompéia e Vergílio Ferreira.

A fina flor da mocidade brasileira: os internos e o internato

Os primeiros parágrafos d'O *Ateneu* incidem sobre a 'luta' que se irá seguir à primeira infância do protagonista, Sérgio, ao entrar em contato com o Ateneu:

'Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.' Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, dum gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos, como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora, e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam. Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado, beirando a estrada da vida (POMPÉIA, 1981, p. 29-31).

Segundo a tese paterna, tida por Sérgio como 'verdade' perante os enganos do lar e do mundo, a vida em sociedade é uma luta, e a única forma de acostumar-se a ela é por meio da escola, rito de iniciação e de passagem para a vida adulta. Para tanto, é preciso coragem, pois os padrões de percepção infantil ainda se orientam segundo as 'ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho' do 'amor doméstico'. Todavia, na transição desse meio idealizado ao do internato, microcosmo do mundo que se irá enfrentar mais tarde, há o perigo de perder não apenas a inocência, mas a própria noção de altruísmo e de bondade inerente às sugestões do 'poema dos cuidados maternos', para o qual a prosa da vida cotidiana figura tanto como desdobramento quanto como legitimação amarga. Ademais, sendo a infância

[...] diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece [...] um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento (POMPÉIA, 1981, p. 29-31),

a própria evocação do passado ameaça tornar-se um 'eufemismo' desprovido de sentido, quando visto sem o anteparo do universo doméstico: 'a atualidade é a mesma em todas as datas'. Assim, define-se o grau zero da vida em sociedade como o do conflito, e tudo leva a crer que a luta a ser travada será, em todos os aspectos, desigual, antecipando "[...] a falsidade que se esconde por detrás de uma bela aparência, as tramoias que o internato – a sociedade – obriga [...]" (ÁRTICO, 1983, p. 116).

De fato, como se confirma nas primeiras páginas do romance, o Ateneu representa para seus internos, meninos ainda presos aos cuidados do lar, uma instituição portentosa, feita à semelhança do luxo ostensivo de seus clientes – a oligarquia rural e escravocrata oitocentista –, cujos "[...] educandos [...] significavam a fina flor da mocidade brasileira" (POMPÉIA, 1981, p. 35). Amparado num sistema intenso de propagandas, que

[...] alongava os tentáculos através do país, [...] não havia família de dinheiro, enriquecida pela setentrional borracha ou pela charqueada do sul, que não reputasse um compromisso de honra com a posteridade (POMPÉIA, 1981, p. 35).

ter um filho no Ateneu. (idem). Sendo, pois, um desses poucos privilegiados, "[...] por diversas causas a recepção [de Sérgio] devia ser das melhores" (POMPÉIA, 1981, p. 54).

No entanto, todo esse aparato não deixa de revelar-se, dentro em pouco, como um espaço de opressão. Após a despedida do pai, que sai temendo pelo filho, o excesso de severidade do diretor Aristarco – "[...] a justiça é o meu terror e a lei o meu arbítrio! Briguem depois os senhores pais!..." (POMPÉIA, 1981, p. 56) – faz com que o protagonista sinta-se logo inferiorizado ao receber uma farda numerada e ser apresentado ao dormitório coletivo. O mesmo ocorre ao conhecer os colegas, que acha ridículos e assustadores, com destaque para as figuras grotescas de alguns: Gualtério,

[...] miúdo, redondo de costas, cabelos revoltos, motilidade brusca e caretas de símio [Nascimento ...] alongado por um modelo geral de pelicano, nariz esbelto, curvo e largo como uma fouce [Batista

Carlos [...] raça de bugre, valido, de má cara, coçando-se muito, como se incomodasse a roupa no corpo [Sanches ...] lábios úmidos, porejando baba, meiguice viscosa de crápula antigo [etc.] (POMPÉIA, 1981, p. 57-59).

A pressão das formalidades letivas também é marcante, e leva o menino a desmaiar perante as interrogações constantes do professor Mânlio, no primeiro dia de aula:

O professor interrogou-me; não sei se respondi. Apossou-se-me do espírito um pavor estranho. Acovardou-me o terror supremo das exibições, imaginando em roda a ironia má de todos aqueles rostos desconhecidos. Amparei-me à tábua negra, para não cair; fugia-me o solo aos pés, com a noção do momento; envolveu-me a escuridão dos desmaios, vergonha eterna! liquidando-se a última energia... pela melhor das maneiras piores de liquidar-se uma energia (POMPÉIA, 1981, p. 60).

As coerções do colégio também se dão por meio dos vigilantes,

[...] polícia secreta do diretor: Estes oficiais inferiores da milícia da casa faziam-se tiranetes por delegação da suprema ditadura. Armados de sabres de pau [...], tomavam a sério a investidura do mando e eram em geral de uma ferocidade adorável (POMPÉIA, 1981, p. 75-76).

Sob sua tutela, os demais alunos são obrigados a um estado de perpétuo alarme, que adentra as horas de descanso, e faz com que Sérgio confesse, num resumo dos primeiros dias, que “[...] estava aclimado, mas [...] eu me aclimara pelo desalento, como um encarcerado no seu cárcere” (POMPÉIA, 1981, p. 77).

Nesse clima de desconfiança e desalento geral, a amizade entre os meninos representa ainda outro artifício de controle e poder. Agrupados sempre de dois em dois, o sexo é tido como moeda de troca pelos internos, e “[...] a sexualidade [...] é vista vinculada a um meio degenerativo, do qual a personagem principal busca escapar” (BALIEIRO, 2009, p. 47). Sérgio recorda, a propósito, as investidas homossexuais de Sanches:

Sanches foi se aproximando. Encostava-se, depois, muito a mim [...] e a leitura prosseguia, passando-me ele o braço ao pescoço como um furioso amigo. Eu deixava tudo, fingindo-me insensível, com um plano de rompimento em ideia [...] (POMPÉIA, 1981, p. 84)¹.

¹Para Fernando Balieiro (2009), a razão dessa concepção heteronormativa do homossexualismo como ‘degenerativo’ vincula-se ao projeto político de Pompéia

Acima de todas,

[...] a mais terrível das instituições do Ateneu não era a famosa justiça do arbítrio, não era ainda a [‘cafua’], asilo das trevas e do soluço [onde ficavam os desordeiros...]. Era o [‘Livro das notas’] (POMPÉIA, 1981, p. 95).

Trata-se da leitura pública das notas dos alunos, seguida de fortes advertências verbais, num livro que logo passa a frequentar os pesadelos dos meninos. À leitura dessas notas, sobrevém por vezes o silêncio desaprovador do diretor e dos colegas, pena ainda mais difícil de ser suportada pelos jovens infratores:

No fundo do silêncio comum do refeitório, cavou-se um silêncio mais fundo, como um poço depois de um abismo. Senti-me devorado por este silêncio hiante. A congregação justiceira dos colegas voltou-se para mim, contra mim. Os vizinhos de lugar à mesa afastaram-se dos dois lados, para que eu melhor fosse visto. [...] Aristarco foi clemente. Era a primeira vez, perdoou. (POMPÉIA, 1981, p. 97).

Acrescenta-se à pressão excessiva desses instrumentos de vigilância a pasmeira do cotidiano dos meninos, a sufocá-los com o tédio do cansaço e da falta de perspectiva: “O tédio é a grande enfermidade da escola, o tédio corruptor que tanto se pode gerar da monotonia do trabalho como da ociosidade” (POMPÉIA, 1981, p. 167). Mesmo a natureza,

[...] a folhagem fixa, com o verdor morto das palmas de igreja, alourada a esmo da senilidade precoce dos ramos que sofrem [parece encarcerada dentro do Ateneu ...] como se não coubesse a vegetação no internato; a um canto, esgalgado cipreste subia até as goteiras, tentando fugir pelos telhados (POMPÉIA, 1981, p. 65).

Cerceando, pois, a liberdade por todas as partes,

[...] ao aplicar a pena [dispersa em tantas formas e meios, o Ateneu] tem como alvo não só o culpado, mas todos aqueles que porventura possam praticar [algum] desvio, ou seja, o aparelho punitivo é usado como aparelho de saber (SILVA, 2007, p. 98).

A fuga real dos internos, todavia, não lhes parece uma alternativa. Cientes de que a coerção no colégio se pauta antes pela vigilância que pelo castigo corporal (de ordem moral, não material), num efeito

de desmoralização das instituições monárquicas perante o público leitor da época, aproximando-as, assim, da ‘imoralidade’, como outrora o fizera no folhetim ‘As jóias da coroa’, acentuando a satíriase de Pedro II. O crítico aponta ainda certo homoeroticismo tragicamente ocultado na figura do escritor como motivo paralelo ao político.

espelhado e invertido, a reação dos meninos é voltada para a estrutura física dos espaços coletivos da escola. Desde o repúdio de Sérgio pelo culto costumeiro dos alunos à figura de Nossa Senhora da Imaculada Conceição na capela do Ateneu – materializado no retrato de uma ‘Santa Rosália’ ornada com flores e guardada no gavetão do protagonista, e que, na verdade, não passa da recordação de uma priminha morta, elevada à santa padroeira –, até os projetos de vingança de Franco, o pária do colégio que certa vez urina sobre a bomba d’água e outra planeja sem sucesso encher de cacos a piscina, a vingança dos alunos é marcada por um caráter (ingenuamente) imediatista. No ápice, encontra-se o incêndio do internato pelo já adolescente Américo, que desaparece antes e após o atentado².

Embora consumido pelas chamas aparentemente catárticas do incêndio, o fim do Ateneu não representa para Sérgio uma libertação das experiências negativas aí vividas, senão um intervalo, que vai da experiência do menino à narração do adulto. Na ocasião, recluso voluntariamente na enfermaria a fim de ficar mais próximo de Ema, a sedutora mulher de Aristarco, Sérgio reconhece o quanto de passivo foi para si o episódio final do incêndio:

E tudo acabou com um fim brusco de mau romance. [...] O susto de tal maneira me surpreendera, que eu não tinha exata consciência do momento (POMPÉIA, 1981, p. 265-266).

Na contramão dessa passividade inspirada pelo Ateneu, contrapõe-se o papel posterior (e indireto) do narrador, enterrando o passado à medida mesma que o evoca pela memória:

Aqui suspendo a crônica de saudades. Saudades verdadeiramente? Puras recordações, saudades talvez, se ponderarmos que o tempo é a ocasião passageira dos fatos, mas sobretudo – o funeral para sempre das horas (POMPÉIA, 1981, p. 272).

Está visto que, à saudade, Sérgio recorre apenas enquanto forma destrutiva de atualização de algo que já não é mais, ressaltando apenas o caráter temporal – e passageiro – do vivido. Nesse sentido (e para concordarmos com seu relato), o Ateneu não

perdura no tempo, e a falsa educação que veicula não forma indivíduos, mas resume-se à manutenção e administração do próprio prédio, que, findo, perde toda razão de ser:

Lá estava; em roda amontoavam-se figuras torradas de geometria, aparelhos de cosmografia partidos [...]: despojos negros da vida, da história, da crença tradicional [...]. Ele [Aristarco], um deus caipora, triste, sobre o desastre universal de sua obra (POMPÉIA, 1981, p. 271-272).

Ressalve-se, entretanto, que o *compte rendu* de Sérgio, não é, por sua vez, isento de críticas, e demonstra aqui e ali a parcialidade com que se (im)põe ao leitor. Alguns exemplos: (1) se o ambiente do internato é demasiado repressivo, como não o cansa de afirmar, sua vida não se restringe a ele, e por diversas vezes, é permitido que volte ao lar, onde encontra o apoio total e absoluto dos pais; além disso, (2) sua posição privilegiada na sociedade parece garantir-lhe, ao menos no seu parecer, um tratamento melhor do que aquele dispensado a um aluno; e é certo que (3)

[...] nunca, enquanto estive no Ateneu, a menor solidariedade o uniu ao instituto de que fazia parte; [onde] permaneceu como um corpo estranho, que feria a só existência dos outros [...] (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 112).

Como reconhece o próprio Sérgio,

Comecei a penetrar a realidade exterior como palpara a verdade da existência no colégio. Desesperava-me então ver-me duplamente algemado à contingência de ser irremissivelmente pequeno e ainda colegial. Colegial, quase calceta! marcado com um número, escravo dos limites da casa e do despotismo da administração (POMPÉIA, 1981, p. 189-190).

Nesse sentido, a comparação feita pelo narrador de um colegial a um calceta [ou seja, um condenado à “[...] pena de trabalhos forçados” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 571)] destaca o horror de Sérgio pela institucionalização do estudo, contraponto talvez da ociosidade e do personalismo das classes ricas³. Esses elementos despontam ainda, por

³Essa possibilidade é sistematicamente ignorada por parte da crítica d’O *Ateneu*, que prefere observar no romance uma criação literária fortemente desvinculada de sua época. É o caso, por exemplo, de Jorge Coli e Luis Dantas (1980, p. III), que, apesar do jacobinismo de Pompéia, afirmam: “Son engagement républicain et anti-esclavagiste ne montre aucun lien direct avec l’Athénée, à tel point que le lecteur peut parfaitement ignorer la situation politico-sociale du Brésil d’alors” (COLI; DANTAS, 1980, p. III). Curiosamente, os mesmos autores classificam O *Ateneu* como “roman de la

²Explorando os termos propostos nos primeiros parágrafos do romance (‘mundo’ e ‘luta’), Zenir Campos Reis (1998, p. 7) faz uma curiosa observação sobre o significado alegórico dos nomes de Franco e Américo: “É atentar agora nos nomes, alegoria do velho e do novo mundo. França e América, respectivamente vencido e vencedor na luta contra os aristarcos”.

exemplo, em outros comentários esparsos, como quando da insatisfação geral dos colegas com relação à falsa goiabada das refeições:

Adivinhei. Era a revolução da goiabada! Uma velha queixa. A comida do Ateneu não era péssima. O razoável para algumas centenas de tolinhos. Possuía mesmo o condimento indispensado das moscas, um regalo (POMPÉIA, 1981, p. 206).

Ou ainda a observação que tece ao adoecer, logo após a morte de Franco:

Certa manhã, descubro no corpo um formigueiro de pintinhas rubras. Aristarco fez-me recolher na enfermaria, um prolongamento de sua residência para os lados da natação. Veio médico, o mesmo do Franco; não me matou (POMPÉIA, 1981, p. 259).

Dáí [certa] ambiguidade do emprego do eu como pessoa de narração no Ateneu [pois ...] passadas as primeiras páginas, o livro deixa de ser de memórias, introspectivo, para apresentar-se como um agressivo romance em que o narrador se esquece de si para analisar imaginariamente os sentimentos e as emoções do Outro (SANTIAGO, 1972, p. 28).

Adentrando o pensamento mesquinho e filisteu do diretor, as perversões dos colegas etc., Sérgio parece abusar, assim, da centralidade de seu memorialismo, substituindo-se às demais personagens do passado numa postura talvez hierárquica de ‘dono’ da narração – à revelia e à imagem de sua posição de destaque na sociedade. Como bem assinala Roberto Schwarz (1981, p. 29-30), a propósito de Aristarco,

[...] o Diretor, pode-se dizer, é a visualização do tom do livro, que é, por sua vez, o tom da vida interior de Sérgio [como fica evidente em suas ...] tiradas retóricas, que em nada se distinguem das tiradas que devem descrevê-lo enquanto exterioridade. O estilo pessoal de Aristarco e o estilo do livro, que dá conta de sua pessoa, são uma e a mesma coisa.

Veja-se a fala dele por ocasião da festa de fim de ano do colégio –

O educador é como a música do futuro, que se conhece em um dia para se compreender no outro [...]. Quanto ao seu passado, nem falemos! Não olhava para trás por modéstia, para não virar

monumento, como a mulher de Lot (POMPÉIA, 1981, p. 246).

onde há ‘evidentemente uma interpolação’ de Sérgio a partir da terceira oração, deixando “[...] escapar o próprio juízo; Aristarco não poderia expressar-se nestes termos” (PACHECO, 1971, p. 148).

Esse traço social da narração é reforçado, na esteira das primeiras sugestões do romance, pela segunda fala do pai do narrador, o qual, numa carta enviada de Paris logo antes do incêndio do Ateneu, incentiva o filho a enfrentar o mundo através do ‘resgate’ do presente:

[...] Salvar o momento presente. A regra moral é a mesma da atividade. Nada para amanhã, do que pode ser hoje; salvar o presente. Nada mais preocupe. O futuro é corruptor, o passado é dissolvente, só a atualidade é forte. Saudade, uma covardia, apreensão outra covardia. O dia de amanhã transige; o passado entristece e a tristeza afrouxa. Saudade, apreensão, esperança, vãos fantasmas, projeções inanes de miragem; vive apenas o instante atual e transitório. É salvá-lo! Salvar o náufrago do tempo. [...] Pensa nisto. Para que a mentira prevaleça é mister um sistema completo de mentiras harmônicas. Não mentir é simples. Estou numa grande cidade, interessante, movimentada. As casas são mais altas que lá; em compensação, os tetos, mais baixos. Dir-se-ia que o andar de cima esmaga-nos. E como cada um tem sobre a cabeça um vizinho mais pobre, parece que a opressão, aqui, pesa da miséria sobre os ricos. A agitação não me faz bem [...]. Que espetáculo para um doente! Parece que é a vida que foge. Dou-te a minha bênção (POMPEIA, 1981, p. 263).

Esclarecendo de viés a função da reconstrução do passado dentro do romance e da tese que o orienta, o conselho do pai de Sérgio é assim enunciado a partir de uma enfermidade não somente de ordem física, mas também agravada pela atmosfera social agitada de Paris e pelo desnível das relações sociais de dominação dos meios brasileiro e europeu. Se retomada a posição inicial de privilegiados tanto de Sérgio quanto de seu pai, esse desnível deixa entrever um possível sentido de manutenção daquelas mesmas relações de dominação dentro do meio brasileiro como forma de solucionar os problemas tanto do pai quanto do filho⁴. Assim, antes de um conflito

haine du monde’, termos que veremos enunciados pelo narrador no prefácio de *Manhã submersa* como seu mote e definição.

⁴A importância central da figura paterna na obra encontra outro apoio fundamental, além de suas duas falas exemplificadas. Em uma introdução ao romance suprimida por Raul Pompéia e somente descoberta por Eugênio Gomes

entre o menino e o colégio, pode-se observar aí um conflito entre a classe da aristocracia rural brasileira e o espectro iminente da perda de seu prestígio social, resultante de uma comparação cada vez mais evidente, uma vez que necessária, entre a periferia escravocrata do capitalismo e seu centro liberal.

Nesse sentido, é válido apontar ainda, no narrador d'*O Ateneu*, a classificação utilizada por João Cezar de Castro Rocha (1998, p. 203-204) de 'narrador-patriarca', que, ao reproduzir a tese paterna num tom "[...] ambicioso, objetivador do relato [...], orienta o rumo da leitura, ao mesmo tempo em que se impõe como protagonista", defendendo seus interesses de classe.

A flor original de uma alegria morta: os internados e o seminário

Na contramão da independência e do orgulho de classe de Sérgio, o narrador e protagonista de *Manhã submersa*, António Santos Lopes, ou simplesmente, António Borralho, questiona, desde o prefácio do romance, a validade coletiva (e classista) de sua história, já contada por outrem:

Para o fim de certo livro seu, diz Vergílio Ferreira que talvez eu, António Borralho (A. Santos Lopes, de lei) viesse um dia a escrever a nossa história. Nossa – da minha gente. E algum tempo, de fato, essa ideia tentou-me. Mas acabei por desistir: no fim de contas, a história estava contada por outros e não seria eu decerto quem a iria contar melhor.

[...] História nova, porém, e vivida no sangue, eu tinha uma, sim, mas era somente minha. Mas nesse caso, se não era do futuro, se era mais de um 'indivíduo' do que de uma 'pessoa', de um 'homem', se era apenas, sobretudo, uma 'historiazinha infantil', de que servia contá-la? Cem vezes por isso resolvi escrevê-la, cem vezes desisti. Até que, em certo dia de Dezembro,

mais de meio século após a publicação da obra, Sérgio esclarece a razão de sua evocação do passado, indicando explicitamente como causa a morte de seu pai, ponto de toque, portanto, não apenas para a significação ideológica, mas também temporal d'*O Ateneu*: "Quando ele morreu fizeram parar o relógio na hora cruel – seis da manhã [...]. O mostrador imóvel parecia igualmente alcançado pela morte e a fixidez do ponteiro ampliava-nos a dor na alma, com a permanência implacável da recordação, sangrando, rebelde ao tempo que cicatriza; como se para nós que o queríamos devesse ficar a existência nada mais que o prolongamento intermimo daquela hora, eco imortal das seis pancadas trêmulas do velho relógio, culto sagrado e doloroso de uma memória. Por esses dias excepcionais, surgiram-me vivazes como nunca as imagens do passado, as lembranças principalmente da mocidade em que mais senti a sofreguidão amorosa dos seus esforços [...], consolidando-me o caráter de menino pelo apoio enérgico da experiência de seus provados anos" (POMPEIA apud GOMES, 1952, p. 113-116). Por conta do impacto sobre a versão final do romance, bem como uma análise aprofundada do processo narrativo, consulte Sandanello (2014).

vergastado a Inverno, eu senti, numa alucinação, que a minha história, afinal, estava certa com tudo o que hoje tem voz de se ouvir. Certa em que, não o sabia bem. Mas sabia que se respondiam nela a noite da minha ira e a noite e fúria do mundo (FERREIRA, 19--., p. 11-12, grifos do autor).

O romance ao qual alude o narrador logo no início desse prefácio é *Vagão J* (1946), onde Vergílio Ferreira propõe-se a

[...] mostrar a desgraçada história dos Borralhos, [a] escrever a saga miserável dessa 'família', um dos muitos casos crônicos da grande doença [social] de que o Neo-Realismo se ocupou (PAIVA, 1984, p. 42, grifos do autor).

António, que aí desempenha um papel coadjuvante, é representado na desventura de um jovem seminarista falhado, vítima de um acidente que o faz perder dois dedos da mão direita. No entanto, sua tragédia pessoal não é gratuita, e serve de variação do tema da miséria que rege sua família – o pai inválido, a mãe embrutecida, o irmão assassino, a irmã ladra etc. Sobre todos, e é o que provoca o tom determinista e neorrealista assinalado por Paiva (1984), preside a desigualdade social e a miséria humana decorrente da exploração capitalista, e que não pode ser percebido inteiramente senão por meio de uma ótica 'intelectualizada'. No final de *Vagão J*, o narrador heterodiegético esclarece a natureza desse requisito:

Quem vem pôr um fim à história dos Borralhos? [...] Talvez, António Borralho, tu a escrevas um dia. Tu ao menos descobriste que tinhas inteligência, tu sabes o que sois, o que sempre tendes sido (FERREIRA, 1974, p. 226-227)⁵.

Com a mudança de perspectiva narrativa, o elemento social passa a ser visto através da vida aparentemente insignificante de António, como ele mesmo assinala no prefácio do romance – "[...] se era apenas, sobretudo, uma 'historiazinha infantil', de que servia contá-la?" (FERREIRA, 19--., p. 11, grifos do autor) – enquanto a decisão do narrar é motivada pela perenidade do sofrimento no seminário, que acompanha todos que têm de passar

⁵Cf. a esse respeito, a interessante comparação entre o foco narrativo empregado no episódio dos fogos de artifício em *Vagão J* e *Manhã submersa* feita por José Rodrigues de Paiva (1984, p. 44-47; 140-141), enquanto marca de evolução estilística do escritor. Essa evolução, no sentido que emprega o crítico, aponta claramente para uma influência presencista como superação do neorealismo de *Vagão J*. Para uma visão oposta, cf. a discussão de Maria Lúcia Dal Farra (1978, p. 58-59), para quem os dois romances são inteiramente independentes, e seu diálogo através do prefácio, o emprego de um "[...] recurso editorial".

por experiências semelhantes, sem o desejarem – “[...] sabia que se respondiam nela a noite da minha ira e a noite e fúria do mundo” (FERREIRA, 19--, p. 12). O sentido social do romance acrescenta-se, assim, à crise existencial do narrador, definindo, nesse

[...] movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu conteúdo existencial e histórico (BOSI, 2002, p. 134).

Relevemos, neste caso específico, uma particularidade do contexto de ‘fúria do mundo’ de que nos fala Borralho, ou seja, das décadas de 1940 e 1950

[...] em Portugal, marcadas pelo regime ditatorial salazarista, [em que] a Igreja atuava como força repressora à ideologia de libertação do meio urbano e da justiça social do campo: [nesse ambiente de opressão política e religiosa, no interior do país, aos ...] meninos das aldeias, a única alternativa para fugir da miséria e do trabalho no campo era o Seminário (PAPOULA, 2009, p. 518).

A ambientação desse meio opressor no romance é, de certa forma, a expressão e confirmação exterior do triste fado desses meninos, presenciada pelo jovem António:

Os castanheiros esguios, errantes pela colina, vagos, desencorajados, desfaziavam-se lentamente das folhas amarelas, como quem desiste de tudo. No céu húmido e densamente azul, um sol taciturno aguardava, sem interesse, o fim do dia, como um velho inválido numa cadeira de braços, que já não tem projetos para amanhã. E para o fundo do vale, como para uma sepultura, descia uma neblina espessa que amortilhava para sempre a memória de tudo (FERREIRA, 19--, p. 34).

Deixar-se levar à força da corrente, sem vontade própria, e amortilhar as expectativas com relação ao futuro, à sombra de “[...] um dia igual aos outros, arrastado e profundamente triste, como as tardes de um doente condenado” (FERREIRA, 19--, p. 47), é a regra da apatia geral do seminário com que se depara o jovem António, num espaço onde o tempo escoia com a lentidão de ‘um velho inválido numa cadeira de braços’. E a coerção não se limita às suas quatro paredes, como também adentra a igreja próxima à casa de D. Estefânia, patroa e ‘benfeitora’ de António e de sua família:

Quando enfim penetramos na igreja, desceu sobre mim, como um lençol d’água, uma brusca frialdade de grutas. Um silêncio mortuário apodrecia ao longo dos muros ou subia largamente, de grandes braços abertos, pelo escuro das abóbodas (FERREIRA, 19--, p. 77).

O frio úmido que acomete António demarca o distanciamento das pessoas e a falta de comunicação entre os indivíduos, dado que, em seu lugar social de menino pobre, subalterno à família do Capitão e de D. Estefânia, não há nada que mudar ou dizer, senão aceitar, engolir a torrente de silêncio que permeia tudo:

Como o prior ainda não chegara, depois de anunciar a Deus a minha vida, sentei-me num banco, angustiado daquele vasto silêncio, um silêncio úmido e submerso como um levedar de origens (FERREIRA, 19--, p. 77).

E a intuição de António acerca dessas semelhanças não o engana, pois mesmo no ambiente da falsa ascensão social do seminário, na ocasião da escolha dos líderes de cada um dos dois grupos da sala – denominados, muito a propósito, ‘gerais’ e ‘exércitos’, qual réplica microcósmica da ditadura –, sobrepõe-se o duro peso das aparências à inteligência e ao mérito dos meninos. Em Gaudêncio e Lourenço, meninos pobres da sala, o conhecimento pesa como um elemento estranho; já o mesmo não se dá “[...] no Amílcar, que era filho de uma farda da Guarda Republicana, nem do Adolfo, que era filho de uma loja de comércio” (FERREIRA, 19--, p. 52), trazendo o primeiro o prestígio do Exército consigo, e o segundo, o do dinheiro.

Neles as regras e as exceções do latim tinham um brilho excepcional, eram mais verdadeiras, eram até desculpáveis, se estivessem erradas. A ciência dos outros era maciça e brutal. Mas a destes era leve, fina [...] (FERREIRA, 19--, p. 52).

Nessa camisa de força, dispensa-se, inclusive, o verniz democrático dos votos, em que são constrangidos os meninos, inconscientemente, a reforçar a naturalidade das diferenças:

Mas de novo falou a voz da nossa submissão. E esmagados por essa necessidade antiga, rendidos e maravilhados, votamos à uma no Amílcar e no Adolfo (FERREIRA, 19--, p. 53).

A par do espírito democrático, sucumbe o espírito crítico dos meninos, desmotivado pelos professores como inadequação aos moldes da boa conduta:

[...] o Pe. Tomás escarneceu da minha redação em Português, porque, numa descrição de uma manhã de Primavera, eu abrirei assim apenas: 'Antes de nascer o Sol, os homens vão para o trabalho.' Enquanto a redação ideal, como a do Amílcar, era assim perluxuosa: 'Qual hóstia sagrada levantando-se da pixide da montanha, o Sol nasceu espargindo os seus raios doirados, e as avezinhas saltitaram de ramo em ramo, em doces gorjeios.' (FERREIRA, 19--, p. 142).

À coerção moral das aulas de redação, acompanham-se igualmente as punições físicas, como ocorre com a prática grotesca da palmatória:

Havia um silêncio absoluto. Alguém passou junto às janelas, assobiando. O Sol dizia adeus, devagar, desde o cimo do céu. Estava tudo a postos. Pe. Lino atirou para o ombro a aba da romeira para ter o braço livre e tomar balanço. Com uma certeza linear, ergueu alto a palmatória e torcendo um pouco o tronco, no esforço, descarregou o primeiro golpe. Senti a mão subitamente destruída com um ardor vivo na concha e nos dedos. Mas logo uma dor começou a inchar-me até ao ombro. Antes porém que eu a sentisse toda, outra vez a palmatória me queimou a mão. [...] Súbito, na mão esquerda, uma explosão seca e a destruição total. O ressoar das pancadas aprofundava o silêncio. Não havia ninguém à minha volta, só eu em frente da minha dor. [...] 'Podes bater-me quanto quiseres, Padre. Aguento tudo. Bate mais. Outra vez.' Ele bateu. Ficou extenuado (FERREIRA, 19--, p. 181-182).

Mas a coerção à pessoa de António não se dá apenas por esses dois expedientes: há também, em seu cotidiano, a concorrência dos Prefeitos (alunos mantenedores da ordem e do silêncio claustal); dos buracos estrategicamente dispostos nas paredes e portas do salão; das histórias horripilantes de D. Estefânia a respeito dos condenados ao inferno; do apagamento da sexualidade dos seminaristas pela sociedade em geral; da repulsa e do escárnio de alguns de seus velhos amigos e parentes à batina e ao fato preto etc.

Nesse panorama, duas vias de resistência (tão materiais e diretas quanto aquelas do *Ateneu*) abrem-se a António e a seus colegas: o revide imediato aos abusos religiosos do meio, como o faz o jovem Gama ao tentar incendiar sucessivas vezes o seminário:

O Gama. Fora ele. Pelo escuro de uma madrugada clandestina cobriram-no de maldição e expulsaram-no do Seminário. [...] Mas ninguém sabia de nada. Gama atuara sozinho, sem ajuda de ninguém,

cerrado apenas no seu ódio justiceiro (FERREIRA, 19--, p. 122).

Ou, pelo inverso, o revide mediato do indivíduo, atentando contra si próprio, como o faz António ao mutilar-se de propósito, diante dos desmandos de D. Estefânia:

Quis provar àquela bruxa que a desprezava, que desprezava a morte, o suplício da minha carne. Estalou-me então abruptamente, de alto a baixo, um raio de loucura. E tomei uma bomba, e cheguei fogo ao rasilho, e esperei (FERREIRA, 19--, p. 218).

Há, entretanto (e ainda uma vez), uma terceira via de resistência à submersão nesse mundo, que se deixa entrever indiretamente pelo gesto da mão de António, já mutilada – a recriação ficcional do passado e, por seu intermédio, o acerto de contas com os velhos agentes e aparelhos de opressão, pelo António adulto. Com o auxílio da memória, na comparação entre o hoje e o ontem, torna-se mais visível o enredo de mentiras em que estivera preso:

Mentira, ó Deus, tudo, tudo. Não há decência de saias compridas, de pálpebras compridas. Há só a angústia dilacerante de um prazer final, de um vértice final, como o fundo de um redemoinho de águas (FERREIRA, 19--, p. 159).

A narrativa passa, assim, a fazer, às vezes, de uma arma contra as ilusões do discurso religioso então empregado, desmascarando as conivências dos padres e dos crentes com o regime despótico do Portugal salazarista; trata-se, nesse sentido, de um “[...] esforço de integridade”, nos termos que coloca Maria Lúcia Dal Farra (1978, p. 57), que se vale do transcorrer temporal e da distância entre o objeto e o sujeito para analisar, de um ponto de vista menos parcial, a origem do sofrimento vivido.

Conquanto aprofunde a nitidez do entendimento, a lembrança não consegue, todavia, superar de todo a continuidade das dores passadas na fala de António, assumindo um caráter dual, que vai da evocação do adulto à recordação do menino:

Estranho poder este da lembrança: tudo o que me ofendeu me ofende, tudo o que me sorriu sorriu: mas, a um apelo de abandono, a um esquecimento real, a bruma da distância levanta-se-me sobre tudo, acena-me a comoção que não é alegre nem triste mas apenas comovente... Dói-me o que sofri e recordo, não o que sofri e evoco. (FERREIRA, 19--, p. 88).

Evocação e recordação dividem-se, assim, em uma maior ou menor proximidade emocional perante o seminário, a fim de desvendar o estofado das aparências tão celebradas por personagens como D. Estefânia e Joaquina Borralho e que ofuscam a liberdade de escolha de um seminarista sem vocação. A dimensão dessa crítica faz de *Manhã submersa*

[...] um libelo contra a orientação religiosa mal concebida, aquela que vai contra a liberdade e contra, portanto, o direito de opção (DÉCIO, 1977, p. 59).

de cada pessoa, o que antecipa, no conjunto da obra de Vergílio Ferreira,

[...] um início de processo daquele tipo de romance-ensaio, de interpretação da crítica da idealidade [... que se daria mais tarde em] 'Aparição' e 'Estrela polar' [...] (DÉCIO, 1977, p. 59, grifo do autor)⁶.

O romance se encerra após a evocação (recordação) de uma epidemia grave ocorrida no seminário e do episódio da automutilação, já mencionado. Abandonado de tudo e de todos, em Lisboa, o narrador traz à tona uma paixão recente por uma jovem desconhecida, e adverte, mais para si do que para seu leitor:

Não sei o que será a nossa vida amanhã, nem sequer, ó dor, se terei coragem de lhe falar. Mas reconheço, no meu sangue em alvoroço, que um sinal de triunfo vem avançando com ela para mim.

Por isso, nessa hora nua em que escrevo, perdido no rumor distante da cidade, conforta-me pensar não sei em que apelo invencível de vida e de harmonia que não morreu desde as raízes da noite que me cobriu. (FERREIRA, 19--., p. 221).

Retorna, assim, ao narrador, o poder sugestivo de seu título e, à noite de seu fracasso como seminarista, como filho, como protegido etc., amanhece a promessa da livre comunhão entre dois corpos e duas almas, 'apelo invencível de vida e de harmonia'.

⁶Esta é a posição defendida também por Carina Infante do Carmo (1998, p. 174) em seu excelente estudo sobre *Manhã submersa*: "À data da edição do romance, as duas orientações da personagem – a social e a existencial – eram ainda conciliáveis para Vergílio Ferreira, aceitando ele a face metafísica no prolongamento do processo social e histórico. Ora, o adolescente (e o narrador, a escrever no seu 'quarto nu') faz do seminarista uma entidade representativa e singular e um centro de irradiação ideológica sobre o humano em situação-limite, não apenas (e cada vez menos) equacionado pelo determinismo econômico".

Considerações finais

Como pudemos acompanhar isoladamente cada caso, há certa confluência de elementos temáticos, acompanhada de algumas nuances, entre os dois romances, o que melhor se ordenaria em uma tabela como a seguir:

<i>O Ateneu</i>	<i>Manhã submersa</i>
Ambiente educacional hostil (internato de meninos ricos)	Ambiente educacional hostil (seminário de meninos pobres)
Falta de adaptação de Sérgio	Falta de vocação de António
Memória: 'saudade' e destruição	Memória: recordação e evocação
Espaço doméstico X institucional	Espaço doméstico + institucional
Ausência de amizades gratuitas	Ausência de amizades duradouras
Recorrência do sexo (mecanismo de poder)	Recorrência do sexo (pecado / celibato)
Experiência marcante do tédio	Experiência marcante do silêncio
Incêndio: via final de destruição	Incêndio: via falhada de destruição
(De)formação de Sérgio no Ateneu (crise pessoal / social)	(De)formação de António no seminário (crise social / existencial)
Escrita: acerto de contas com outrem	Escrita: acerto de contas consigo

Por detrás dos elementos apontados, e em ambos os romances, podem-se entrever os discursos opressores do internato e do seminário, e que, enquanto cerceamento da liberdade dos protagonistas/narradores, sobressaem como pontos comuns às duas obras, construídas a partir de si. Nesse sentido, talvez não seja apressado ponderar que tanto *O Ateneu* quanto *Manhã submersa* possam ser vistos, para usar um termo bastante empregado pela crítica atual, como *paródias interdiscursivas*, entendendo-se paródia a partir da etimologia do termo ('odos' – canto; 'para' – contra, ao longo de) como um 'contracanto' em que se deixa implícita "[...] uma distanciação crítica entre o texto [ou discurso] em fundo a ser parodiado e a nova obra que [o] incorpora [...]" (HUTCHEON, 1985, p. 48). Afinal, como ressalta Márcia Gobbi (2012, p. 50), "[...] qualquer forma codificada, e nem sequer necessariamente no mesmo *medium* ou gênero – desde que tratados em termos de repetição com distância crítica", é utilizada como ponto de partida para esse 'contracanto', que, no caso dos dois romances, faz destacar a crítica à visão falsamente moralista ou religiosa da educação feita por Sérgio (enquanto interno ou menino rico, rebaixado socialmente) e António (enquanto internado e menino pobre, apenas na aparência elevado de posição)⁷.

⁷Poder-se-ia objetar, com teóricos como Gérard Genette (1982, p. 28), que essa definição de paródia seria por demais vaga, e que, no limite do texto, estivesse resumida à vulgarização de uma obra clássica: "*La forme la plus rigoureuse de la*

Às voltas desses dois adolescentes, expressões pessoais e individuais em meios absolutamente massificantes, vemos que, seja no Brasil de Raul Pompéia, seja no Portugal de Vergílio Ferreira, ou seja,

[...] num tempo como o nosso, a linha excessivamente personalista do romance aparece, não raro, como defesa das posições já gastas da inteligência e da sociedade. Numa última palavra, - e usando termos rebarbativos, pelos quais me desculpo, - se opõe ao desenvolvimento dialético da personalidade e da sociedade, procurando breçar o vir-a-ser por meio do prolongamento indefinido das oposições do ser e do não-ser. (CANDIDO, 1992, p. 92).

Como todo círculo possui um raio ou ponto central, vemos, enfim, a roda de peru desses dois, quicá quatro, adolescentes convictos, a fazer o giro interminável do homem ao redor das instituições, demandando sempre, e cada vez mais, um maior contato interpessoal, interdiscursivo, para além dos aparelhos burocráticos e das distinções de classe...

Agradecimentos

Para Wilton J. Marques, deste lado, e Paulo A. Pereira, do outro lado do oceano.

Referências

- ÁRTICO, D. **L'enfant de Jules Vallès e O Ateneu, de Raul Pompéia**: do foco narrativo à crítica social. 1983. 219f. Tese (Doutorado em Letras)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.
- BALIEIRO, F. **A pedagogia do sexo em O Ateneu**: o dispositivo de sexualidade no internato da 'fina flor da mocidade brasileira'. 2009. 124f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.
- BOSI, A. Narrativa e resistência. In: BOSI, A. (Ed.). **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.
- CANDIDO, A. Roda de peru. In: CANDIDO, A. (Ed.). **Brigada ligeira e outros escritos**. São Paulo: Edusp, 1992. p. 87-92.
- CARMO, C. I. **Adolescer em clausura**: olhares de Aquilino, Régio e Vergílio Ferreira sobre o romance

de internato. Faro/Viscu: Universidade do Algarve/Centro de Estudos Aquilino Ribeiro, 1998.

COLI, J.; DANTAS, L. Préface. In: POMPÉIA, R. (Ed.). **L'Athenée**: chronique d'une nostalgie. Aix-en-Provence: Pandora, 1980. p. I-VIII.

DÉCIO, J. **Vergílio Ferreira**: a ficção e o ensaio. São Paulo: Século XXI, 1977.

FARRA, M. L. D. **O narrador ensimesmado**: o foco narrativo em Vergílio Ferreira. São Paulo: Ática, 1978.

FERREIRA, V. **Manhã submersa**. 2. ed. Lisboa: Portugalia, 19--.

FERREIRA, V. **Vagão J**. 2. ed. Lisboa: Arcádia, 1974.

GENETTE, G. **Palimpsestes**: la littérature au second degré. Paris: Seuil, 1982.

GOBBI, M. V. Z. **A ficcionalização da história**: mito e paródia na narrativa portuguesa contemporânea. São Paulo: Unesp, 2012.

GOMES, E. **Prata da casa**. Rio de Janeiro: A Noite, 1952.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da paródia**. Tradução Teresa Louro Perez. Lisboa: Edições 70, 1985.

MIGUEL-PEREIRA, L. **História da literatura brasileira**: prosa de ficção (de 1870 a 1920). 3. ed. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL, 1973.

PACHECO, J. **A literatura brasileira**: o realismo (1870-1900). 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

PAIVA, J. R. **O espaço limite no romance de Vergílio Ferreira**. Recife: Encontro/ Gabinete Português de Leitura, 1984.

PAPOULA, T. *Manhã submersa* ou as vozes do silêncio. A propósito de um romance de Vergílio Ferreira. **Eutomia**, v. 1, n. 1, p. 517-530, 2009.

POMPÉIA, R. **Obras**: O Ateneu. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ MEC/ Fename/ Olac, 1981.

REIS, Z. C. Introdução: opostos, mas justapostos. In: POMPÉIA, R. (Ed.). **O Ateneu**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 3-8.

ROCHA, J. C. C. **Literatura e cordialidade**: o público e o privado na cultura brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

SANDANELLO, F. B. **O escorpião e o jaguar**: o memorialismo prospectivo d'O Ateneu, de Raul Pompéia. 2014. 262f. Tese (Doutorado em Estudos Literários)- Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

SANTIAGO, S. *O Ateneu*: contradições e perquirições. **Cadernos da PUC**, v. 1, n. 11, p. 19-49, 1972.

parodie, ou parodie minimale, consiste donc à reprendre littéralement un texte connu pour lui donner une signification nouvelle, en jouant au besoin et si possible sur les mots, comme Racine fait ici sur le mot exploits, parfait exemple de calembour intertextuel. La parodie la plus élégante, parce que la plus économique, n'est donc rien d'autre qu'une citation détournée de son sens, ou simplement de son contexte et de son niveau de dignité [...]". Parece-nos, todavia, que a definição genetteana é, na contramão (não paródica) do valor cartesiano de *Palimpsestes*, limitada, e "[...] construída unicamente em termos de relações textuais" (HUTCHEON, 1985, p. 33), sem adentrar nas funções mais abrangentes - e discursivas - da paródia.

SCHWARZ, R. *O Ateneu*. In: SCHWARZ, R. (Ed.). **A sereia e o desconfiado**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1981. p. 25-30.

SILVA, V. M. **Exercício do poder**: conflitos, discursos e representações culturais em *O Ateneu*. 2007. 131f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

Received on July 15, 2014.

Accepted on June 8, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.